

# CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

## COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:  
Por mez 500  
Pagamento adiantado

Publicação semanal  
STA. CATHARINA—Desterro, 27 de Agosto de 1888

Escriptorio da Redacção,  
á rua do Senado  
N. 17

N. 19

### No album de Olga Natividade

THEMA: « A infancia de Olga Natividade. »  
CARLOS DE FARIA.

O meu illustrado amigo, o distincto poeta Carlos de Faria, acostumado a tirar de sua intelligencia, do bello e sublime da natureza, todos os recursos que almeja, bem como brilhantes quadros, esplendidas epopeias e traçar, com mão de mestre, verdadeiras joias litterarias, entende, levado por elevada amizade, excessiva benevolencia e generosidade propria dos grandes espiritos, que, pigmeos de minha estatura, possam escrever em albums tão floridos, onde, em cada folha, encontram-se obras primas de fecundo talento, na altura da gentil dona de tão rico jardim, como ainda entende que possam traçar quadros tão sublimes como: « A infancia de Olga Natividade », assumpto digno para um pincel de Rubens, Raphael ou Victor Meirelles, ou para monumentos litterarios, proprios a talentos privilegiados ou pennas de um Castro Alves, Luiz Delfino ou Gonçalves Dias. Mas do mesmo modo que a parte negra, que mancha a via-lactea, em nosso céu, e que é conhecida pelo nome de « Sacco de carvão », que não só com a sua negrura faz melhor, destacar os diamantinos brilhos dos pontos que constituem o scintillante caminho de S. Thiago, como tambem demonstra a sua presença, « o nada » ali existente, assim tambem o pouco que aqui escrevo, manchando a alva pagina d'este brilhante cofre de joias, mais as fará realçar, como tambem demonstrará o nada n'elle existente.

Quando, gentil Olga, tem-se o berço como tivestes, onde a natureza congregou-se com tudo o que tinha de mais poetico, brilhante e sublime, onde o proprio Deus, em centelha divina, irradiou o caminho venturoso a seguires, onde teus paes lançaram em teu coração o extracto do que n'elles havia de mais virtuoso, as suas proprias almas, corre-se o caminho da vida pisando sobre petalas de rosas, respirando-se o perfume dos deoses, tendo por guia a Virgem e por companheiros de jornada — a felicidade e o amor... Entre os

macios coxins da ventura, guiada pela mais terna das mães, que sólicita guiou teos primeiros passos, admirada e animada pelo melhor dos paes, beijada e acariciada por flôres, zephyros, divinas harmonias e bafejada por Deos, tu, pequenino botão, cada vez mais mimoso, mais lindo, mais pschutt, chegastes ás tuas tres alvoradas; éstro mavioso de intelligente poeta saudou-te como o rouxinol ao despontar da primavera em um de seus mais inexcediveis gorgeios.

Das trez ás dez primaveras teus passos foram idyllios de amor, ventura e felicidade para teus paes, cada uma de tuas palavras, colibri mimoso, eram notas argentinas que deliciavam a vida feliz de teos progenitores! uma só de tuas infinitas graças era poeira de luz, que illuminava o céu sem nuvens de teo lar! Entre brincos, flôres e elevada no mais santo dos amores, deslisou para ti um septenario de caricias e mimos, e assim continuarás!

Quem, como a gentil Olga, possui o conjuncto das graças, reunidas em seu pequenino coração, esse lindo sacrario de tantas gemmas de sentimentos, a sublimidade das virtudes, a arca-santa do bello, póde, sem receio, olhar temerata para os horisontes do futuro, nenhuma nuvem, por mais tenue que seja, o virá offuscar. Sábia, no grande livro da educação, que somente a deosa da criação, a « mãe », póde dar, que unicamente o amor de um pae sabe ensinar, estás apta para, no meio dessa natureza sem rival de nossa terra, aprenderes e soletrares o que a sciencia e a arte tem de mais lindo e util; terás, nesses novos estudos, o lugar que tens no teo lar, tua intelligencia encontrará novo thesouro, para, como novo sol, illuminar aos que te cercam.

Estuda, creança! Quando a velhice vier, e, feliz percorreres as folhas d'este album, os lugares onde correram placidos e venturosos os dias de tua infancia, entre lagrimas de alegrias, risos saudosos, encontrarás, em cada folha deste escritorio, em cada ponto de tua casa, recordações sómente de muito amor, muita dedicação, verdadeiros marcos luminosos, plantados por teos

dotes, que demonstrarão o que fostes e a presciencia do que serás.

O que mais dizer-te? que mais desejar-te? Falta-me tudo, só resta-me o desejo e o coração. Amante de flores, sem as possuir, vou ao teu album, onde vejo as brilhantes petalas das mimosas alvoradas de Carlos de Faria, consorciadas com outras lindas, que perfumam tão lindo jardim, junto-as e atiro-as, hoje, sobre tua fronte juvenil, pedindo a Deus nas alturas para que teo caminho seja somente atapetado de pennas de edredon e ganso maritimo, que nenhum seixo por mais infimo que seja, possa magoar-te, para que a Virgem faça sobre ti chover em flôcos todas as felicidades que possas almejar. Agora, gentil Olga, vou mostrar-te onde acharás o melhor diadema, nas benções da terra!

Escuta, Olga, aqui em segredo, vai, não te demores, vai buscar nos corações de teos paes o que elles têm para ti, é um mimo do que ha de mais sublime no mundo, tem o bafejo de Deus, a ternura da Virgem e as harmonias dos anjos, é a unica flôr que não murcha, cada vez brilha mais, não conhece rival, chama-se... — O amor dos paes!

J. C. D'ALVARENGA MESSEDER.

Laguna, 29 de Julho de 1888.

O CREPUSCULO saúda ao distincto poeta  
Timotheo Maia, pelas suas 24 ridentes  
primaveras.

### Os olhos d'ella...

(L. de C.)

A' L. LEITÃO

Deus fabricara o grande céu; depois,  
Para alegrar a escuridão terrestre,  
Com pericia divina e mão de mestre,  
Deus fabricou tres sóes:

Um delles anda a vaguear nos céos,  
E os outros dois, ó flôr estremecida,  
São para mim a luz da minha vida,  
E são os olhos teus!...

EUGENIO DE CASTRO.

São dous poemas, os olhos d'ella!...  
O fulgôr do sol que vemos sob a cu-

pula celeste, não tem o encanto, o deslumbramento que tem os olhos d'ella!...

Se ha no tecto da morada de Deus um outro sol que illumine os anjos, com esse sim, poderei comparar os formosos olhos d'ella!...

Que de graça, que de amenidade, que de bellezas divinaes, de arcanos sacratissimos, que o nosso olhar de simples mortaes não póde desvendar, refulgem das pupillas sorridentes de encanto dos lindissimos olhos d'ella!...

Oh! por melhor que eu podesse unir o pensamento, ainda assim era impresentavel para descrever os elegantissimos olhos d'ella!...

Por ahí imaginem que de lindissimas maravilhas encerram os preciosissimos olhos d'ella!...

Taes olhos não sahem nenhum momento do meu scismar! Tenho fitado mil sublimidades, buscando assim encontrar algumas dessas bellezas deslumbrantes que ha na terra, no céo, e meu esforço tem sido baldado! Porque no céo só póde haver o sol que illumina os anjos, e na terra... só mesmo os olhos d'ella!...

PEDRO GOUDEL.

Desterro—88.

### O amor faz do homem um assassino

Em primeiro de novembro de 1775, quando Lisboa, depois de haver acordado de seu voluptuoso somno, começava a morrer preguiçosamente, esperando ter em breve talvez um dia de galas e prazeres dos que ha muitos seculos estava gosando, quando rapidamente violenta convulsão se apodera d'ella, e forte e horrendo tremor abalou-a. Era a agonia extrema. Então tudo ficou em ruinas e mortes; seus magestosos palacios cahião por terra, seus templos, que altivos se erguião, prostavão-se, como que pedindo piedade; suas torres e seus formosos castellos acurvavão-se sob o peso d'esse enorme gigante que com occulta mão a tudo queria destruir; um grito horrivel se alevantava até ao céo. Este grito era o desespero que repercutia de extremo em extremo nas vozes de seus duzentos mil habitantes que pedião misericordia a Deus; e o Téjo, tambem quebrando as suas barreiras, precipitou-se sobre esta agonisante cidade. Parecia que a terra estava cansada de ter homens que de continuo a pisassem por isso queria revolver-se, e esmagal-os enterrando-os em suas ruinas. Parecia enfim ser a creação que se tinha revoltado contra o creador. De repente, a moribunda Lisboa se corôou de chammass. Então, milhões de figuras de fogo estranhas e terriveis começavão a erguer-se de cada palacio, de cada templo, de cada cast; ora vião-se braços immensos que se estendião

at...; ora dous gigantes, que lutavão largo tempo no espaço, e que depois reuñão-se n'um só corpo, formando uma columna que bem prestes perdia-se no meio de outras; enfim, via-se uma rainha arrastando seu manto ardente e tendo na cabeça um diadema de fumo.

E por entre tantos horrores corrião negras sombras, ouvia-se um grito terrivel é um palacio cahia, e as sombras sumiam-se no espaço. No meio da mais completa desordem da natureza, quando todos os viventes pareciam haver desaparecido do seio da terra, via-se um homem só, pallido, de cabellos irriçados, de olhos chammejantes, coberto de sangue, revolvendo uma a uma as pedras de certa casa que que o terremoto acabava de destruir.

Este homem chamava-se Pedro.

Sua irmã, ponto em que se concentravão todos os sentimentos de sua alma profunda, raio de luz celeste donde emanavão as suas felidades todas, companheira unica desde a infancia, havia desaparecido debaixo d'aquelle montão de ruinas, mas elle a procurava. Um infeliz, levado por um fozoso cavallo espantado de tanto horror, passou junto d'elle pedindo socorro aos homens e misericordia a Deus.

Pedro, estendendo o braço poderia salvar-o. Continuou a procurar; e o homem e o cavallo desapareceram no Tejo... e para sempre.

Um grito de estertor medonho ao sahir do peito humano levou consigo uma alma e uma vida, e erguendo-se esse grito do seio das ondas. Pedro o ouve, levanta a cabeça e vê um barco dentro do qual boia ainda um homem e uma mulher desmaiada, e o barco, esse, arrastado pelas ondas, vinha quebrar-se na praia. Continuou a procurar. Achou por entre as ruinas o cadaver de sua idolatrada irmã: suspendeu-a pelos cabellos... estava morta. Foi lançar-se finalmente naquelle mar bravio, chegou ao barco, e, tirando a mulher dos braços d'aquelle homem quasi moribundo, disse com voz firme e socegada: Salvar-vos-hei... sereis minha irmã. E tornou a voltar para a praia, segurando-a com um braço e nadando com o outro. Ao depô-la na arêa, contemplou-a á luz daquella tocha immensa que só havia illuminado esta scena. Era bella como anjo: Pedro sentio o que nunca havia sentido. Andou!

Alguns momentos se tinham passado de pasmo, de morte. Estava tudo immovel: parecia que a natureza, depois de ter querido esmagar a tantos viventes na maior agonia, tambem morrêra como elles. E as ondas, essas continuaram em sua evolução a quebrar-se na praia, querendo ainda esmagar a tudo quanto encontrava; em vista d'este movimento rapido, tudo gemia dolorosamente, e as chammass levantavam-se e iam perder-se no espaço em nuvens de

fumo. N'este momento torna a si desventurada, e com gemidos entrecoitados como que sahidos dos seios da alma, com voz meiga e sentida, disse:—Meu pai... salvai meu pobre pai! Pedro, comprehendendo o que diziam aquellas palavras sahidas do seio da virgem, diz,—basta e foi buscar o homem que fluctuava ainda com uma onda, e momentos depois não existiram mais. Tudo o que ha de bello, de grande no amor paternal, tudo o que ha de terno e de meigo e de angelico no amor filial, sentiram-no as almas daquelle pai e d'aquelle filha ao abraçarem-se, ao beijarem-se, ao acariciarem-se. E as chammass iam pouco a pouco se apagando, as nuvens de fumo diminuindo, e as ondas em continuo movimento a vir quebrar-se na praia; e Pedro contemplava aquelle quadrante cheio de vida e de doçura.

— Maria!... foi Deus quem nos salvou!

— O meu pai!... o meu bom pai! Demos graças ao Senhor. Demos graças a este mancebo. E tornando a lançar-se nos braços um do outro, n'esse estado estiveram por longo tempo Pedro immovel os contemplara.

As chammass se tinham apagado, as nuvens de fumo desaparecido no horizonte; Pedro os contemplava ainda, e duas lagrimas deslisavam-se pelas faces. Eram as primeiras depois da morte de sua idolatrada irmã.

A. DE CARVALHO.

Laguna.

### Pagina solta

AO MEU INTIMO AMIGO BRIGIDO PEIXOTO

~~Rola n'amplidão a lua, como rã no mar uma canção...~~

Era no mez de Maio, a noite era serena.

D'entre os arvoredos vibrava no espaço a voz do sabiá: doce como um consôlo, triste como um pranto.

Andavam seriamente na estrada coberta de rosa da innocencia, umas creanças loiras como uma noiva que recebe a luz d'um matrimonio! No entanto as mãis deram-nas aos desprezo.

Os montes e as arvores enchiãms de orvalho.

Desabrocham a medo as cheirosas trepadeiras e os jasmims tombam a medo da haste sobre a terra fria...

A fonte tranquillamente sorria para o prado, o prado tranquillamente sorria para a fonte!

Eil-a abrindo risonha a janella do sobrado.

Como era linda!

Ornava-lhe o alvino pescoço um luzente colar de perolas crystalinas.

Si eu pudesse retel-o entre os dedos, humedecia-as de beijos!

Uma «basquine» alvissima como a espuma das ondas descia-lhe até a cintura.

Parecia-me a deusa da poesia moderna!...

O seu odorifero vestido de fustão branco trazia um deslumbramento admiravel: eram as fimbrias de oiro que guarneciam-no! Umas botas, á moda, occultavam os seus pésinhos formosos, tão delicados como um escripto de perolas.

Ia para o baile, provavelmente.

Convenci-me, quando a vi embarcar na carruagem e seguir para o salão do club.

Lá se foi a minha bella para o baile.

O director do club, um homem pranteiro, enviava-me um cartão de visita com o seguinte conteúdo:

« Convido-o á partida que terá lugar hoje ás 9 horas. »

Fiquei sobresaltado ao recebê-lo, comtudo não trepidei em ir: fui preparar-me e parti.

Quando eu entrava avistei-a, mas o brilho consolador, intimo e magnetico da sua bella pulseira inundara-me a vista de luz.

Não dansei a primeira quadrilha...

O som sonoro do piano entrava espontaneamente pelos ouvidos como uma borboleta entra espontaneamente no calix de uma flôr...

No entanto a vi dansando alegremente.

Desde então certifiquei-me de que ella não me tinha amizade.

Amor sem vida!

Esperei o toque de uma walsa, que logo após a quadrilha souo no immenso salão.

A principio receiei em tiral-a, mas ao depois a coragem proporcionou-me um desejo tão attrahente que eu immerso na sympathia do seu meigo olhar fui pedir-lhe para walsar.

Eu fui, ébrio de prazer e suspirante apenas para mostrar-lhe o que é amizade.

A amizade germina voluntariamente da alma, como o perfume germina voluntariamente da flôr.

No entanto ella, compassiva e modesta, não hesitou em dansar conmigo, porque na verdade era tão linda que eu tranquillamente e humildemente como quem anda a procura de asylo, teria vertigens se deixasse de amal-a.

No voltar celere e languido da walsa a sua pulseira desprendeuse e cahio. Ajuntei-a e entreguei-lh'a. Ella, para mostrar-me que tinha educação e sentimento capazes que demonstrassem delicadeza, agradeceu-me de um modo bastante honroso.

.....  
Ao findar o toque da walsa, cuja vibração era tão sonora como um suspiro profundo de ave, ella se fôra assentar.

.....  
A lua já havia transposto as portas do poente.

A escuridão da noite era medonha como é medonha a escuridão de um abysmo!

Terminou o baile justamente quando os gallos dayam começo ao soluço dos seus ultimos cantos!

SABBAS COSTA.

Desterro, 16—Agosto—88.

PEROLAS DE OPHIR

Desengano

A dôr é funda, é fundo o meu martyrio,  
Tenho a taça de fêl negro esgotado...  
Acerados punhaes cravam-se fundo  
Neste meu peito triste e amargurado!

Amei com fé as rosas da esperança,  
Que via em meu sonhar, meigas, louças.  
Mas vi morrerem cedo uma por uma  
Em sombrias e géldidas manhãs.

Hoje meu peito só de dôres vive,  
Pulsa meu coração nas agonias,  
Chorando as já perdidas esperanças,  
Vejo envoltos no dô meus tristes dias...

Hoje, morta a esperança e a fé já morta...  
Desenganos crueis de atra amargura...  
Oh! funesta paixão, martyrio infundo  
Me levas pouco a pouco á sepultura.

O derradeiro adeus minh'alma então  
No mar da eterna dôr, convulsionado...  
Acerados punhaes cravam-se fundo  
Neste meu peito triste e amargurado!

UBALDINA A. DE OLIVEIRA.

Desterro, 12 de Agosto de 1888.

A MINHA MUSA

AO ILLUSTRE JORNALISTA FRANCISCO CARDONA

A minha Musa é morena,  
é carinhosa e tão boa!  
tem azas como phalena  
que vôa, que vôa e vôa...  
lá para as plagas azues  
onde vivem as estrellas  
lá n'este mundo de luz!

E' moça, fresca e rosada,  
apetitosa, é verdade,  
e conta, rindo-se na estrada  
vinte e tres annos de idade.

E' muita amiga das flôres  
adapta as pompas dos prados,  
onde esquivam-se os amores  
com mais intimos cuidados...

Gosta de ouvir fóra de horas  
o som de um pinho afinado,  
como um lampejo doirado  
d'uma harpa feita de auroras!

Adora os versos ridentes,  
o manejar d'uma penna  
por mãos correctas, ferventes,  
n'uma harmonia serena.

E tem os paes brazileiros,  
bem como avôs africanos,  
que estão aqui ha cem annos  
por serem os derradeiros!...

Adopta as cousas suaves  
como as musicas eolias  
que vibram no bosque as aves,  
e no prado as magnolias.

E não sabe o que é—Vaidade,  
não conhece distincções:  
só tem por mãe—a Verdade  
e por patria—os corações!

E dorme assim como a rosa  
pelo luar embalada;  
a rir, desperta orgulhosa  
ao despontar da alvorada.

Seu nascimento foi pobre  
n'um fresco dia de Agosto,  
e junto ao talento nobre  
trouxe a mancha do desgosto!

E teve o berço da lida  
coberto de maldição  
onde habitava, sem vida  
o abutre da escravidão!...

Da escola nos grossos bancos  
não ponde fitar a luz,  
nem teve esses mestres francos  
que a patria ao porvir conduz!

E triste como uma freira  
passou muitas noites só,  
sentada do leito á beira  
louca, estudando sem dô.

E hoje tão livre... brejeira  
canta, canta sem rival  
como uma ave brazileira  
no tôpo do laranjal.

E quando vê na floresta  
a primavera reerguida  
toda de flôres vestida  
a annunciar grande festa.

Dá seus passeios á allêa  
como uma nova modista,  
debaixo da grande vista  
do céu, que de astros se arquêa:

Para escutar os bons cantos,  
da passarada ridente,  
toda envolvida em encantos,  
folgando, alegre e contente.

P'ra ver os bosques rendados  
de finos, grossos baraços,  
de mil rubins salpicados  
das arv'es os grossos braços.

E assim passa tres mezes  
toda envolvida na orgia...  
nem quer voltar muitas vezes  
p'ra capital da poesia.

Mas quando volta, orgulhosa  
das maravilhas que vio,  
da pulsação radiosa  
que dentro de si sentio,

Faz versos em um momento  
tão rapidos como os ais,  
fortes assim como o vento  
agudos como punhaes.

E com os traços da aurora  
e a rapidez da alvorada  
escreve a rir céu a fôra  
do amor a estrophe azulada!

Odeia os padres, e tanto  
e tem p'ra isso razão,  
pois fingem vida de santo  
zombando da—Redempção!

Não vai visitar os reis,  
não negocia com padres,  
não se confessa com frades,  
à igreja vai poucas vezes!

Os seus passeios são nobres  
à fresca luz da manhã,  
estende a mão para os pobres,  
da caridade é irmã!

E folga como os condores  
na alta democracia,  
onde não canta louvores  
o throno da monarchia!

Tem uma vida de esp'ranças  
n'um areal de arreboés,  
como as almas das creanças  
com mil risadas de sóes!...

Eis o que a minha Musa,  
essa morena louquinha  
que folga assim como o rufo  
das azas de uma andorinha...

E' essa a Musa invejada  
nos botequins e nas praças  
por certa turba odeiada,  
com phrases rudes e baças...

E' essa a Musa ferida  
por certo grupo infernal  
sem patria, amor e sem vida  
na propria terra natal!

E' essa que vê o genio  
na sua terra curvado,  
como no lodo o insecto,  
pela inveja conculcado!

Eis o retrato, senhores,  
de minha Musa morena,  
que vos off'reço entre flôres  
n'uma harmonia serena!

Canta, canta minha Musa  
não te abatas em cantar  
que importa, que toda a inveja  
queira o teu brilho offuscar?

Não sabes tu que esses genios  
são os herdeiros da—Luz,  
que voam como os condores  
lá para as plagas azues?

Faz das idéas punhaes  
para esmagal-os ao pó,  
como se esmagam os vermes  
pelas estradas, sem dó!

E bate as azas e bate  
cantando sempre cantando,  
n'uma harmonia serena  
como de pombas um bando!...

TIMOTHEO MAIA.  
(Dos Cantos Matinaes)

## NOTICIARIO

### ALBUM DE PARABENS

No dia 24 do corrente completou 66  
annos de idade o conceituado, illustrado e bondoso professor de Inglez Sr. Amphiloquio Nunes Pires.

Em homenagem a este gloriosissimo anniversario, nós, os discipulos que o respeitamos e adoramos com satisfação, curvamo-nos contentes para dar-lhe flôres.

Saudando cordialmente a tão nobre e illustre mestre, desejamos-lhe uma tão longa quão feliz e venturosa vida.

— Timotheo Maia, no dia 22 do corrente, viu a aurora deslumbrante de suas 24 primaveras enflorar-lhe a luminosissima frente, como se fôra um diadema de sóes enflorando a gentil cabecinha loira de uma virgem jovial. Timotheo Maia, o poeta que tem feito muitos admirarem-no, o poeta que germinou do verdadeiro quão puro e modesto leito da innocencia, como o som germina de uma voz, é, digamol-o com criterio, com consciencia, um talento nobre, tão purissimo como o delicioso aroma de uma flôr.

Não fallamos n'este momento como amigos do poeta, excluamol-o um momento da lista dos nossos collaboradores, para que não sirvam estas nossas palavras de riso e debique: fallamos imparcialmente, como apreciadores intimos d'este genio, ao qual hoje rendemos homenagens de merito.

O poeta, graças ao seu talento, fez-se: nasceu aguia, mas uma aguia pequena e sem azas, que cresceu com tanta alegria, banhada sempre em aromas, em vibrações, em sentimentalismo, em realidade, em respingos de applausos e brilhantismo de—Luz.

No poeta sempre predominou a critica e o amor, realmente dois laços castissimos que os poetas não dispensam.

Como apreciadores do poeta, tanto como dos seus fecundissimos, amaveis e artisticos «Cantos Matinaes», brindamol-o com criterio.

Incluamos, portanto, o poeta na lista dos nossos collaboradores, para, como amigos deste genio unicamente, naturalmente rodeado de sóes, de inspirações e bom gosto, d'este Genio que sempre mólha a penna n'uma tinta sadia e fresca e consoladora e tão visivel como uma pagina do céu constelladissimo, saudal-o com alegria, com affabilidade de espirito e com a alma immersa em risos côr de rosa e em flôres perfumantes.

### S. D. P. FILHOS DE THALMA

Teve lugar no dia 21 do andante noite, um espectáculo em beneficio da sociedade, que cada vez vai tendo mais apreço, grangeando mais sympathia. Essa pleiade de moços que tem o theatro como uma escola, vae adquirindo conhecimentos precisos a todo tempo serem verdadeiros actores.

Saudamos á briosa sociedade e a sua distinctissima corporação directora.

Da Laguna chegou no dia 22 do corrente, o conceituado e illustre deputado Sr. Francisco Barreiros. Cordialmente cumprimentamos o Sr. Barreiros.

Enviou-nos da Laguna um folheto de garantido artigo escripto no album da mimosa Olga Natividade, e o illustre escriptor sr. dr. J. C. d'Alvarenga Messeder.

Agradecendo cordialmente ao dignissimo dr., só nos cumpre declarar-lhe que as humildes columnas deste obscuro organ estão-lhe francas para quando nos quizer honrar.

A illustrada e distincta poetisa Exma. Sra. D. Ibrantiva de Oliveira acha-se ha dias enferma.

Que a nobre poetisa em breve se restabeleça, são estes os nossos mais sinceros votos.

Unio-se á lista dos nossos dignos collaboradores a talentosa joven poetisa Exma. Sra. D. Ubaldina de Oliveira.

Honrados com o obsequio de tão illustre moça, cumpre-nos agradecer-lhe com estima e consideração.

## Aviso

D'amanhã em diante daremos começo á cobrança das assignaturas d'este mez. Pedimos aos nobres assignantes o obsequio de nol-a dispensar, ficando desde já gratissimos.